

LENIN V OKTIABRE / VOSSTANIE / 1937 *("Lenine em Outubro")*

Um filme de Mikhail Romm

Realização: Mikhail Romm / **Argumento:** Alexei Kapler / **Fotografia:** Boris Voltchek / **Operadores de Câmara:** Era Savelieva, I. Guelein / **Música:** Anatoli Alexandrov / **Cenários:** Boris Doubrovski-Echké, N. Soloviev / **Som:** V. Bogdankevitch, A. Sverdlov **Assistente de Realização:** I. Simkov / **Colaboração na Realização:** D. Vassiliev / **Interpretação:** Boris V. Chtchoukine (V.I. Lenine), I. Goldchtab (J.V. Staline), Nikolai Okhlopov (Vassili), K. Korobova (Natacha, mulher de Vassili), Vassili V. Vanine (Matveev), E. Chatrova (Anna Mikhailovna), V. Pokrovski (F.E. Dzerjinski), A. Kovalsvsky (Kerensky), N. Svobodine (Routkovsky), V. Ganchine (Joukov), V. Vladislavsky (Karnaukov), I. Lagoutine (O agente provocador), N. Sokolov (Rodzianko), N. Arsky (Blinov), N. Tchapyguine (Kiriline), M. Astangov.

Produção: Mosfilm / **Directores de Produção:** I. Vakar, N. Privezentzev / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português, 101 minutos / **Estreia Mundial:** 7 de Novembro de 1937 / Inédito comercialmente em Portugal.

"Direi simplesmente que na medida em que se tratava duma personalidade marcante, Lenine, de um homem invulgar, estava totalmente subordinado à tarefa seguinte: exprimir o homem e as suas acções. Deste modo se os meus outros filmes pretendiam exprimir o realizador, a sua personalidade, o que pretendia agora era apenas ver Lenine, e tudo o que me ajudasse a vê-lo. Assim, de certa maneira, recuei voluntariamente para a sombra, não que me tenha apagado, mas no sentido de que a Revolução de Outubro e Lenine deviam figurar em primeiro plano e tudo o resto, incluindo eu próprio, o operador, o decorador, e também os actores, devia subordinar-se a esta tarefa."

A citação anterior é extraída duma entrevista dada por Romm aos "Cahiers du Cinéma" em 1969, dois anos antes da sua morte, e quando a sua carreira conhecia um novo impulso. De facto Mikhail Romm representa um assaz interessante fenómeno de adaptação, graças à qual atravessou incólume três décadas conturbadas da história e da cinematografia soviéticas. Nascido em 1901, ele realiza o seu primeiro filme em 1934 adaptado do conto de Maupassant "Boule-de-Suif", que foi uma das últimas obras mudas soviéticas. O êxito de outro filme seu, **Os Treze**, impô-lo para uma das produções comemorativas do vigésimo aniversário da Revolução de Outubro, que é o filme que iremos ver nesta sessão, e cujo sucesso provoca uma imediata sequela, **Lenine em 1918**. Lenine voltaria a ser tema para Romm em dois filmes de montagem de documentos datados de 1948. Romm receberia cinco prémios Staline, em 1941, 1946, 1948, 1949 e 1951 sendo praticamente um realizador oficial. Seria o próprio Staline que haveria de impor o seu nome para a biografia do edificador da marinha russa: **O Almirante Ouchakov** que data de 1952, e que Romm afirmaria mais tarde ter apenas supervisionado. Após o XX Congresso, cujas teses Romm adapta como se fossem uma Bíblia, o realizador de **Lenine em Outubro** provoca a mais inesperada surpresa, ao regressar à realização com uma obra inovadora, reflectindo as mais

recentes correntes cinematográficas: **Nove Dias de um Ano**, faz de Romm, aos 62 anos um dos porta-vozes da "nova vaga". Seis anos depois, em 1968, retomando os métodos da montagem de atracções que aplicara aos documentários sobre Lenine, realiza um impressionante documento, **O Fascismo Quotidiano**, que é também uma reflexão moderna sobre o tema. Parece que a sua influência sobre a nova geração foi ainda maior no campo do ensino. Na escola de cinema, a V.G.I.K., teve como alunos, entre os outros, Grigori Tchoukrai (autor de **O 41º** e **A Balada do Soldado**), Andrei Mikalkov-Kontchalovski e Andrei Tarkovski.

O cinéfilo procurará em vão sinais desta influência, ou duma visão pessoal, no filme que vai ver. Daí a importância da citação com que abri este texto. De facto Mikhail Romm apaga-se (Mas apaga-se como? E recua de que posição?) deixando em destaque a pura e simples hagiografia, a que as cenas vagamente intimistas servem para pôr em relevo a dimensão heróica do mito, não pela interpretação de Chtchoukine (um actor famoso que desempenhou também o papel de Lenine no teatro), mas pelos outros pormenores que o argumento espalha à sua volta. Por exemplo, a sequência em que Vassili leva Lenine, clandestino, para sua casa. Todas as acções no interior têm por função destacar o lado humano de Lenine, mas todas elas, inclusive as referências ao líder bolchevique feitas na presença de Natacha, têm à margem o sorriso cúmplice e benevolente de Vassili (verdadeiro stakonovista, *avant la lettre*, da revolução), que conta de imediato com a cumplicidade do espectador que sabe também que é Lenine que ali está. Não é, no fim de contas, a intimidade revelada pelo "criado de quarto" (que segundo o conhecido aforismo conhece a verdadeira natureza dos grandes homens), mas antes a visão evangélica de um novo guia espiritual. Há, neste momento, um plano extremamente significativo: Natacha, ao lado do marido, contempla Lenine a dormir. Há algo de religioso na maneira como o plano é encenado, de modo quase litúrgico, como DeMille apresentando o "seu" Cristo. O mesmo olhar repete-se, de forma quase desagradável, na sequência do eléctrico, onde o diálogo de Lenine com a condutora e o sorriso de Vassili, vistos agora à distância estão quase à beira do ridículo. Este excessivo respeito, misturado com uma "aproximação" humana, distante e respeitosa, dá a **Lenine em Outubro** um carácter profundamente artificial. O filme ressent-se desta posição, mas também do referido "recuo" de Romm. John Ford caiu no mesmo erro em relação a **The Fugitive** mas, pelo menos, procedeu a um envolvimento estético de grande beleza, o que não aconteceu com Romm que por vezes parece querer passar os limites mas logo se contém, como é por exemplo na sequência dos marinheiros do "Aurora" no ataque ao Palácio de Inverno. O resultado parece confirmar as palavras de Ford a propósito do seu fracasso no referido filme que são, mais ou menos, que "*é sempre um perigo pôr alguém a fazer um filme sobre algo a que está profundamente ligado*".

Filme de encomenda, filme oficial, **Lenine em Outubro** é como **O Regresso de Máximo** mais uma acha no ajuste de contas dos vencedores contra as facções vencidas com as referências, logo ao começo, às traições de Kamenev e Zinoviev como que para justificar, retroactivamente, a sua execução no ano anterior.

Circunspecto, Eisenstein dizia de **Lenine em Outubro**: "*É não só a vitória de Romm, como a vitória do seu método de realização*", Já Dovjenco foi mais crítico: "*O filme **Lenine em Outubro** recorda a cena seguinte: uma notável cantora cantou admiravelmente, e em seguida é o seu marido, funcionário público, que vem saudar o público*".

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico